

## O povo e as ruas fazendo história:

são vidas de rua

Ibalmar Maria Vianna  
Cláudio Silva Rabaçal

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. ISBN 85-232-0339-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## O povo e as ruas fazendo história: são vidas de rua

*Ibalmar Maria Vianna e Cláudio Silva Rabaçal'*

Este estudo resultou de uma análise sobre a cidade do Salvador que procura estabelecer relações entre espaço, literatura, linguagem e ficção, cuja interação imprime significado à ciência, à arte e à cultura. Para tanto, o aporte teórico, no âmbito da literatura, recaiu sobre Calvino (2001) e Reyes (1997), ao lado de Santos (1985; 1997), Ferrara (1988) e Carlos (1997). A metodologia, pelas características do estudo, não poderia ser direcionada de outra forma que não fosse relacional, através da comparação do livro *Vidas de Rua* com textos de outros autores que tratam as questões da cidade, entre eles *As Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino, que foi utilizado como suporte e ponte para a ligação entre o conhecimento geográfico e a literatura, trabalhando-se o espaço real, o espaço ideal e o espaço imaginário. São descritas, analisadas e relacionadas as metáforas utilizadas pelo autor de *Vidas de Rua*, para descrever o espaço geográfico urbano de Salvador, considerando-se também a visão do pesquisador que habita esse mesmo espaço. Enfim, tenta-se

manter um diálogo constante entre os diversos textos – inclusive não-verbais –, para, finalmente, tentar perceber e compreender tanto a construção da ficção literária de um determinado espaço quanto a produção desse espaço pela sua sociedade.

As cidades acolhem a multiplicidade mundial, diversa, desigual, porém são compatíveis com a sociedade que as constrói, as redes técnicas e culturais entrelaçadas e interdependentes nas relações entre objetos e ações e entre suas relações. Embora acolhendo objetos e ações mundiais em seus espaços, cada cidade é um lugar particular em sua forma de acolher, selecionar e combinar o mundial a seu tempo, impondo o seu sentido singular, construindo significados próprios ou ressignificando objetos e ações.

Construir cidades, mapas, plantas, é construir praças, templos, ruas, vias para pessoas e transportes. Desvendar cidades é ver, perceber, sentir, ler e viver a cidade, texto não-verbal, locus de conflitos humanos e entre esses e seus espaços. A cidade é como um livro macro, em que homens inscrevem e escrevem suas histórias, a serem decifradas, desveladas. Desvendá-las é buscar, em cada símbolo, seu significado.

Participar desses embates, buscar entender, descobrir e viver a cidade, requer olhares diversos dos que para ela voltamos no dia-a-dia. É nesse sentido que tento entrelaçar as *Vidas de Rua* de Alejandro Reyes às *Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino, sob o olhar particular da Geografia, pela cidade apresentada na literatura, e analisar o espaço geográfico da “Cidade da Bahia.” O objeto é Salvador e sua diversidade, cidade escancarada como texto não verbal, em seus lugares, praças, viadutos, fortes, casarios, igrejas, avenidas e ruas onde circulam veículos e pessoas, todos signos, espalhando-se em micro-linguagens a serem decodificadas e articuladas para a compreensão da cidade em todas as suas dimensões e escalas, especialmente na dimensão sociocultural, aquela dos homens, habitantes e personagens, em suas questões pessoais e nas ações da cidade sobre as suas vidas.

Em *Vidas de Ruas*, Reyes convida o leitor a com ele se perder pelas ruas de Salvador – histórias na história da cidade de metáforas. Em, *As Cidades Invisíveis*, criadas por Marco Pólo, em conversa com o imperador Kublai Khan, Calvino constrói cidades através de metáforas.

Cidades e literatura abrem-se, exibindo, em seus espaços, vidas vividas em formas diversas, contrastes que se confundem na ficção da linguagem e nos emaranhados das ruas, mas tornam-se palpáveis se aproximarmos a visão à realidade dos espaços cotidianos.

O espaço geográfico é apresentado por Reyes através de quatro vidas vividas em ruas de Salvador, a “Cidade da Bahia”, onde os protagonistas dos contos passeiam os seus viveres em espaços segregados, marginais e mortos da cidade, contrapondo-se à Salvador, oficial e da mídia, bela, alegre e feliz cidade. Homens e meio ecológico mortos, pois relegados a meros coadjuvantes na realidade da cidade.

A inserção de Salvador nos novos processos produtivos aparece em *A Promessa de Onorina*, através da requalificação urbana do Centro Histórico de Salvador, que o transformou e a cidade em objetos de consumo, que se produzem para serem consumidos como signos de alegria e festa, seu povo, feliz e contente, o que lembra a Eusápia de Calvino:

Não existe cidade mais disposta a aproveitar a vida e a evitar aflições. (...) E, a fim de que o salto da vida para morte seja menos brusco, os habitantes construíram no subsolo uma cópia idêntica da cidade (...) Destas, as preferidas são as que reproduzem momentos de despreocupações: a maioria é posicionada em torno de mesas servidas, ou colocada em posições de dança ou no gesto de tocar trombeta. (Calvino, p.101)

Literatura, ficção, metáforas significantes para alguns, com significados diferentes para Onorinas, que vêem o espaço vivido faltar a seus pés, a partir do momento em que a *Ordem e o Pro-*

*gresso* chegam à rua da Oração, retirando-as dos velhos e deteriorados casarões onde moravam há anos, junto com diversas outras famílias.

Não fosse porque a Ordem e o Progresso, que até então haviam percorrido todo o Pelourinho, detendo-se no terreiro de Jesus, decidiram avançar até o bairro de São Dâmaso, libertando, assim, seus habitantes da miséria, ou para ser para ser mais exato, libertar o resto da população da necessidade de olhar a miséria de tão perto. (Reyes, p.29)

A requalificação urbana do centro histórico, transformando um conjunto de velhas ruas e casarões em parque temático, recoloca e ressignifica o comércio e as moradias antigas, no interior de um cenário de exposição de objetos de consumo. Surge, daí, um novo comércio e uma nova moradia que se apresentam como cena urbana de entretenimento, em que imagens desagradáveis não são permitidas.

Quanto ao acolhimento do mundial por Salvador, é interessante ressaltar que, ao mesmo tempo em que se requalifica o meio urbano, requalifica-se também o homem, o baiano. Músicas, danças, roupas, cabelos, festas, todo um jeito de vida passa a ser elaborado, utilizado para ser visto como signo de baianidade, forjando-se, assim, a sensualidade e a voluptuosidade de seus filhos, machos e fêmeas, essas, em especial, novas mercadorias.

A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer. (Calvino, p. 16)

Explorando um pouco mais essa baianidade, pode-se observar o mundial nos prazeres, aqui explorados nas redes virtuais, nas casas de massagem, nos motéis e ainda nos antigos casarões, um deles cenário escolhido por Reyes para ambientar o conto *Mariana*, um “castelo-puteiro”, espaço ainda hoje existente em

Salvador, signo de prazeres, que esconde e dissimula, em novas formas espaciais e novos nomes, funções antigas, problemas agudos e intocados.

Tou direitinha mamãe, (...) você não sabe como eu sinto saudade de você (...). Eu sei que a gente é muito pobre e não tinha comida todo dia (...), tenho tanta saudade(...). A casinha tão pobre, a roça, os bichos... (Reyes, p. 44)

Na fala de Mariana, criança de sete anos, vê-se a representação de situações pelas quais passam milhares de Marianas em todos os níveis e dimensões de escala, o êxodo rural, o inchamento de cidades, a prostituição, que reproduz e alimenta ambigüidades e hipocrisias em cidades, em especial numa cidade signo de prazeres e gozos.

Anastácia, cidade enganosa, tem um poder, que às vezes se diz maligno e outras vezes enigmas (...). A fadiga que dá forma aos seus desejos toma dos desejos a sua forma, e você acha que está se divertindo em Anastácia, quando não passa de seu escravo. (Calvino, p.16).

No terceiro conto, *A Caridade*, Reyes continua a trafegar pelas vias da desigualdade da cidade, deslocando-se do centro de Salvador para espaços mais novos, avenidas e ruas largas, claras, onde a arquitetura exhibe o luxo, o belo, o conforto.

No jardim de uma casa ampla, sob o amparo de uma mangueira luxuriante (...), duas lindas mulheres (...) radiantes com a vivacidade encantadora daqueles venturosos seres que olham com alegria despreocupada para as vastas possibilidades do futuro conversam...

(..) O pequeno ser de quem falam (...) é um menino (...) que, um ano antes, sobrevivia das escassas moedas que recebia lavando e tomando conta de carros nas ruas turbulentas do centro da cidade. Teria talvez uns dez anos, ainda que ninguém o soubesse com certeza. (Reyes. p. 87-8)

Dois mundos em uma só cidade, a divisão da sociedade na configuração dos objetos espaciais e um submundo vivido nas ruas do centro de Salvador, vagando, flanelando nas sinaleiras, percorrendo centros periféricos, vendendo, cheirando cola. Uma cidade apartada por muros, medos, luxo, Salvador de Reyes ou Leônia de Calvino?

Mais do que pelas coisas que todos os dias são fabricadas, vendidas, compradas, a opulência de Leônia se mede pelas coisas que todos os dias são jogadas fora para dar lugar às novas. Tanto que se pergunta se a verdadeira paixão de Leônia é de fato, como dizem o prazer das coisas novas e diferentes, e não o ato de expelir, de afastar de si, expurgar uma impureza recorrente (...) ou talvez apenas porque, uma vez que as coisas são jogadas fora, ninguém mais quer pensar neles. (Calvino, p. 105-6).

A Leônia de Calvino confunde-se com a Salvador de Reyes, nos percursos de Manduca, que cuida de meninos de rua, no conto “Manduca do Forte”, em que degradação humana e arquitetônica também se confundem.

Espessos muros pintados de cal, manchados de sujidade e descuido, cobertos pela patina dos séculos (...) Cheiro de lixo e de urina, confundido com o do azeite-de-dendê. Um rato observa com olhos miúdos. As baratas correm de um lado para o outro. Lá dentro, um pátio grande e, em torno dele os muros antigos, pontuados por vãos escuros (...) é o forte de Santo Antonio. (Reyes, p. 51)

É um malandro, mas tem bom coração (...) estava envolvido em todo tipo de atividades ilícitas, liderava um pequeno grupo de assaltantes que vivia de roubos menores e, em certas ocasiões, do tráfico de drogas (...) e não perdoava ofensas, gostava é de uma briga. (Reyes, p. 61)

A escória da cidade, reunida fazendo festa, ouvia e fazia história:

... durante a festa de Nossa Senhora da Conceição, quando a procissão já havia passado e a benção na igreja havia termina-

do, que surgiu uma roda, apertada entre as barraquinhas atrás do Mercado Modelo, onde grupos bebiam cerveja e cachaça... dançavam ao ritmo do Tchan, e “passavam embaixo da cordinha”. Coisa pouco comum nesses dias, uma roda de capoeira espontânea numa festa de largo, pois o antigo código de honra tem sido esquecido, e o que antes era uma respeitosa e sutil (...) hoje virou uma mistura de boné, luta livre e malabarismo de circo.

A cultura no velho, a não cultura no novo ou a luta entre duas culturas, que, para Argan, é a cultura da destruição, em Salvador, nos seus espaços, é difundida como signos de baianidade.

Nesse conto, a ação da polícia é apontada por Reyes, na função que se tornou comum na nossa cidade: o extermínio de marginalizados, ou a “limpeza” das ruas, no diálogo entre Manduca e um menino de rua:

- E ele tá onde? Sei lá. Polícia levou. - E como você sabe que ele ta morto? - Só pode estar, o Soneca me disse que arreventaram ele pra valer.

Se não é a sua primeira viagem, o viajante já sabe que cidades como esta têm um avesso, basta percorrer um semicírculo e ver-se-á a face obscura (...). A cidade parece continuar a multiplicar o seu repertório de imagens. No entanto, não tem espessura, consiste somente de um lado de fora e de um avesso, (...) que não podem se separar nem se encarar.” (Calvino, p. 97).

O enigma resultante do entrelaçamento das cidades invisíveis de Calvino com a cidade de Reyes e as observações dessa mesma cidade com olhar geográfico apontam para uma leitura de Salvador como um signo, um símbolo de cidade como local de entretenimento. A associação que dela se faz com alegria, festas, prazeres e cidade feliz, embora essa seja apenas uma visão reduzida, é contraditória com a sua natureza de multiespaço, múltiplas formas e múltiplas funções, que devem ser vistas e decifradas como hipertexto, a ser lido na sua complexidade. Ferrara toma o



espaço urbano como o lugar do texto não-verbal, parceiro mutante em nosso cotidiano na cidade. “Os textos não-verbais acompanham nossas andanças pela cidade e produzem-se, completam-se, alteram-se no ritmo dos nossos passos, motorizados ou não. A cidade é o lugar do texto não-verbal.”(Ferrara, p. 12). É ainda Ferrara que propõe a cidade relativizada, contexto conformado à dinâmica das ações que nela ocorrem e as metamorfoses delas resultantes, apontando a dimensão sociocultural como identitária nas análises espaciais das cidades.

Como texto não-verbal, a cidade mostra, nas linhas de suas ruas, nos pontos e paradas, praças, jardins e monumentos, sua história. A partir das formas da cidade, pode-se perceber e interpretar os modos de apropriação por todos que nela circulam ou que nela vivem, os quais ganham conteúdo, atendendo à relação signo, objeto e interpretante, esses e os usuários também signos, conforme sua ação no espaço urbano.

Se as formas-conteúdo representam uma cidade, suas funções representam as sociedades que as gestaram e a dinâmica que as movimenta. Nesse particular, Salvador é o produto das diversas organizações espaciais através dos tempos, uma acumulação de elementos: homens, instituições, firmas, infra-estrutura e meio ecológico, constituindo uma paisagem com diversas e desiguais geografias, mistura de rugosidades e inovações como propõe Milton Santos (1997): “A paisagem, certo, não é muda, mas a percepção que temos dela está longe de acabar em sua realidade profunda... O objeto possui duas faces: a verdadeira que não se entrega diretamente ao observador e a face visível, amoldada à ideologia”. Assim, nos esforçamos para fazer falar essas duas faces da “Cidade da Bahia”, embora cientes de que muito haveremos de fazer para que sua face invisível torne-se visível, desfeticizar Salvador, paisagem e homens.

**NOTAS**

<sup>1</sup> Mestrandos do Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

**REFERÊNCIAS**

ARGAN, G. C. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 280 p.

CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. 15 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2001. 150 p.

CARLOS, A. F. A. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1997. 98 p.

FERRARA, L. A. *Ver a cidade: cidade, imagem, leitura*. São Paulo: Nobel, 1988. 81 p.

FRAGA, M. A cidade de Jorge Amado. In: *BAHIA a Cidade de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2000. Atas do Ciclo de Palestras “A Bahia de Jorge Amado”.

GOMES, R. C. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 182 p.

KOTHE, F. R. (Org.). *Walter Benjamin: sociologia*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1991. 256 p.

REYES, A. *Vidas de rua*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. 94 p.

SANTOS, M. *O centro da Cidade do Salvador: estudo da geografia urbana*. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

\_\_\_\_\_. *Espaço e método*. 3 ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

\_\_\_\_\_. *Pensando o espaço do homem*. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 60 p.